

# Sarney nega mudança em ministério

Para ele, governo teve êxito com essa estrutura e irá mantê-la

O presidente José Sarney descartou ontem qualquer modificação no seu ministério, tendo em vista o resultado destas eleições que darão uma grande vitória ao PMDB e da qual sairão derrotados alguns ministros do PFL. Sarney respondeu à indagação dos correspondentes estrangeiros dizendo que "se o Governo teve êxito nas eleições com esse ministério, não há porque as eleições possam significar mudanças num ministério que ajudou a construir essa vitória".

Ao analisar o resultado das eleições, o presidente disse que, em primeiro lugar ele demonstra o grande apoio do povo brasileiro ao seu programa de governo. "É a mais expressiva vitória que, na história desse País, tem um governo que deverá fazer cerca de dois terços do Congresso Nacional e a totalidade dos governos estaduais", afirmou.

Com os resultados apresentados até o momento, quatro ministros do PFL (Comunicações, Educação, Relações Exteriores e Gabinete Civil) perderão as eleições em seus Estados. Para o presidente José Sarney, não houve basicamente nenhuma alteração a nível de resposta do eleitorado sobre as forças que apoiam o Governo, ou seja, o PMDB e o PFL.

"O PMDB é o maior partido, foi o grande partido da resistência, é o partido pre-

dominante dentro do Governo e continuou tendo essa posição. A Frente Liberal é o segundo partido e continuará sendo o segundo partido", afirmou Sarney. O impossível seria, se nesta eleição, a Frente Liberal tivesse se transformado no primeiro partido e o PMDB no segundo. "Eu acho que as eleições mostram é o apoio do povo à consolidação do projeto político brasileiro", disse ele.

Falando ainda que está descartada qualquer modificação no seu ministério, o presidente disse que "o ministério é um ministério político. Eu presido um governo político e os partidos estão representados no governo. O resultado da eleição é uma projeção justamente do que o governo é em termos políticos".

O presidente José Sarney concedeu entrevista a 10 correspondentes estrangeiros, ontem de manhã. Antes de ouvir as perguntas, ele falou sobre a atual posição do Brasil e disse que a Constituição afirma a força da democracia brasileira, que está se consolidando e que as eleições constituem o fim da primeira etapa da democratização brasileira. Ele lembrou que 95 por cento dos eleitores compareceram às urnas, demonstrando a grande participação do povo brasileiro.

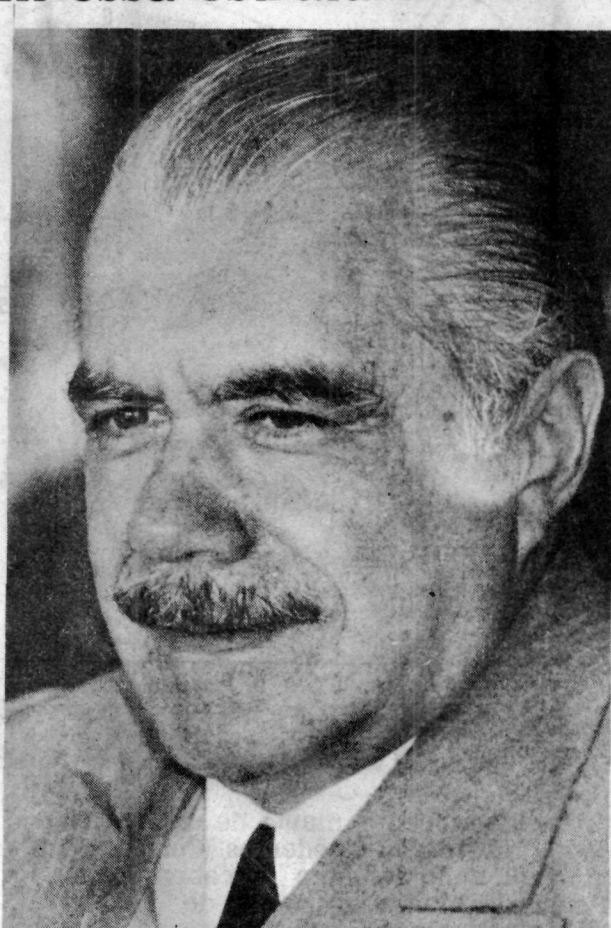
**CRUZADO**  
Os cruzados perguntaram ao presidente de que maneira o resultado das

eleições influem nas mudanças do Plano Cruzado. Sarney respondeu dizendo que "O Plano Cruzado não é um fim, é um meio, um instrumento de melhoria da vida do povo brasileiro, de modernização da nossa economia, de estabilização".

Dessa forma, segundo ele, as eleições representam o apoio ao Plano e a toda a política econômica que vem sendo desenvolvida. Ontem, novamente, o presidente negou que o Plano Cruzado será modificado. Ele disse que não se trata propriamente de modificações, mas apenas correções de algumas distorções.

"Nada que se faz é perfeito. O Plano Cruzado necessita de algumas correções que serão feitas não para modificá-lo, mas para assegurar e consolidar as suas conquistas", afirmou.

**DÍVIDA**  
Com relação ao pagamento da dívida externa e a possibilidade do Brasil chegar a um tipo de moratória unilateral, o presidente Sarney respondeu dizendo que tem se procurado abrir as negociações com os credores. Ele disse que o Brasil não teve uma atitude de confrontação quando, através dos ministros da área econômica, disse que seria desejável para a economia do País que se pudesse atingir um nível em que a dívida externa representasse apenas de dois a três por cento do PIB —



Sarney quer manter os atuais ministros

Produto Interno Bruto.

"Essa não foi, de maneira nenhuma, uma atitude de confrontação, mas uma atitude de negociação, que seria um nível justo. Como procurado abrir as negociações com nossos credores

e esperamos que as nossas negociações possam ter lugar e, ao mesmo tempo, nós encontraremos uma fórmula na qual a dívida seja paga sem o sacrifício maior do nosso povo", disse o presidente Sarney.

Os problemas que o Brasil vem enfrentando com os Estados Unidos no campo da informática e no GATT, foram assuntos abordados durante a entrevista. Segundo o presidente, à medida que o Brasil cresce e tem uma presença grande no mercado internacional, é natural que comece a enfrentar dificuldades de concorrência, de interesses, com alguns de seus parceiros do mundo inteiro.

O presidente declarou que esses problemas devem ser encarados como uma decorrência do crescimento da presença brasileira hoje no mercado internacional. "E vamos defender os nossos interesses com maturidade e sem passionalidade. O Brasil está negociando, tem condições de negociar e acha que através da negociação é que se resolve os problemas internacionais. A força do País é o nosso maior trunfo para negociar", afirmou.

Na política exterior da Nova República, o presidente assegurou que a América Latina é prioridade. Para isso, segundo ele, o Brasil tem procurado estreitar o relacionamento com os países vizinhos.

Quando os jornalistas perguntaram como a democracia brasileira pode usar toda a sua força para ajudar a restabelecer um regime democrático no Chile, o presidente Sarney respondeu que o governo brasileiro não tem uma posição de intervenção.

## Presidente recebe os paulistas

O presidente José Sarney recebe hoje, em audiências, no Palácio do Planalto, o presidente nacional do PMDB, Ulysses Guimarães, pela manhã, e o governador de São Paulo, Franco Montoro, à tarde. Amanhã, o governador eleito Orestes Quêrcia também será recebido por Sarney no Palácio do Planalto e em seguida almoçam juntos no Palácio da Alvorada, segundo informou ontem o porta-voz da presidência da República, Fernando César Mesquita.

Segundo o porta-voz, a expressiva vitória do PMDB no último dia 15 não mudará a correlação de forças no governo federal. Sarney é o grande vencedor e já disse ontem, em entrevista a correspondentes estrangeiros, que não mudará seu ministério pois ganhou a eleição com esse que está aí, explicou Mesquita.

Durante todo o dia de ontem, Sarney conversou por telefone com vários candidatos a governos de estados já convictos da vitória, além de candidatos ao Senado. Ligaram Tasso Jereissatti do Ceará, Gilberto Mestrinho, atual governador do Amazonas, Franco Montoro, Moreira Franco, Orestes Quêrcia, Afonso Camargo, Alvaro Dias, Mário Covas e Fernando Henrique Cardoso.

Da parte do PFL, telefonou para o presidente o ministro das Minas e Energia, Aureliano Chaves. O ministro da Educação, Jorge Bornhausen, após audiência com Sarney conversou longamente com o chefe do Gabinete Civil, Marco Maciel. Borhausen, no entanto, evitou a imprensa, a exemplo do ministro Marco Maciel que mandou dizer, através de um assessor, que só concederá entrevistas

quando todas as urnas estiverem apuradas. Maciel mandou dizer, também, que o quadro geral das eleições ainda não está definido, nem a nível de governo nem de bancadas.

A insistência de alguns setores políticos em considerar que o encontro de hoje entre Ulysses e Sarney terá uma característica de "definição de forças" dentro do governo não encontrou muita ressonância no Palácio do Planalto. Assesores de Sarney consideram que o PMDB fará, "certamente", alguns pedidos mas argumentam que "o Presidente é do PMDB", ficando, assim, "muito à vontade para recusar o que não deseja". Até mesmo alguns candidatos mais arreados e tendentes a provocar algum tipo de fissura entre Sarney e o PMDB, "já telefonaram para o Presidente para lhe transferir a vitória".

## Ulysses chega para cobranças

ALFREDO LOBO  
Enviado Especial

São Paulo - O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, chega hoje a Brasília para dizer ao presidente José Sarney que o partido dará todo o apoio ao governo e ao Plano Cruzado — mas também que não aceitará medidas econômicas tendentes a restabelecer a ortodoxia monetarista e a retirar do bolso do povo a renda extra que, na sua avaliação, foi o que se transformou em votos e na retumbante vitória.

Só ontem à tarde falaram-se, por telefone, os dois políticos que disputam a laurea de maior vencedor das eleições. E foi Sarney quem ligou. Não foi marcada audiência, porque Ulysses

não tinha certeza da hora em que viajaria, mas se provável que o encontro se dê ainda hoje.

Ulysses vai reiterar a Sarney o que já disse publicamente: a vitória é do governo, sem dúvida, mas o partido que o eleitor identifica como responsável pelo Plano Cruzado e pela opção social é, inequivocamente, o PMDB. Ao mandato popular correspondem responsabilidades, entendem os líderes peemedebistas. E à derrota eleitoral do PFL deve corresponder "uma redução do seu espaço político", como disse o senador reeleito Fernando Henrique Cardoso.

O presidente do PMDB não cometerá a indelicadeza de pedir cabeças ao presidente da República, mas vai deixar claro que como está não pode ficar. A alter-

nativa que o PMDB oferece a Sarney é a de integrar-se ao partido, de abandonar a tratar o PFL como um aliado minoritário que não pode mais decidir — só aderir.

Consciente da força política que adquiriu agora, Ulysses está administrando com cuidado seu crescente prestígio — e evitando dividi-lo. Ficou a maior parte do tempo em casa, não foi à comemoração organizada pelo governador Franco Montoro no Palácio dos Bandeirantes, só ontem foi cumprimentar o eleito Orestes Quêrcia em seu comitê, deu longos passeios pelo Anhembi, onde se apuram os votos da capital e onde, sob aplausos permanentes, verificou que, ainda por cima, tem chances de ser o deputado federal mais votado de São Paulo.

## Amanhã, encontro com Quêrcia

MARILENA DEGELO  
Da Sucursal

São Paulo — Orestes Quêrcia desembarcará amanhã em Brasília pela primeira vez depois de eleito, já assumindo funções de governador do Estado. Sem passar por cima do governador Franco Montoro, Quêrcia irá conversar com o presidente José Sarney durante almoço sobre obras e outros assuntos administrativos: "Vou solicitar entrosamento com os diversos ministérios para começar a governar desde já".

No cardápio do almoço com Sarney, o candidato do PMDB não pretende incluir qualquer questão política. Assuntos desta natureza, segundo ele, serão a partir de agora tratados diretamente pelo presidente nacional do partido, Ulysses Guimarães. Quanto a alterações do ministério, Quêrcia disse que não pedirá a cabeça de nenhum ministro do PFL, e só falará sobre Marco Maciel se o presidente tomar a iniciativa.

Hoje, o vice-governador almoça com Montoro no Palácio dos Bandeirantes para "tomar conhecimento dos últimos projetos do governo e tentar viabilizar recursos federais no orçamento do próximo ano". Acrescentou que as prioridades são habitação, transportes e segurança.

Quêrcia pretende dar continuidade à atual admi-

nistração, mas fez questão de ressaltar que "o governo Quêrcia vai ser diferente do governo Montoro". Sua administração será de programas e não de secretarias, citando como exemplo o trabalho integral que pretende fazer junto às crianças.

Quêrcia deseja a institucionalização da Nova República. E na Constituição do PMDB, Almino Afonso. Ainda na expectativa das funções que deverá assumir no próximo governo, Almino, ex-secretário dos negócios metropolitanos do governo Montoro, disse que quer servir de ponte entre os movimentos sociais e o Palácio dos Bandeirantes.

De seus adversários derrotados, Quêrcia não guarda qualquer mágoa. Sobre o candidato do PDS, Paulo Maluf, ele espera que continue na política porque tem compromisso com três milhões de eleitores que votaram nele. Quanto ao candidato do PTB, Antônio Ermirio de Moraes, disse simplesmente que não espera ter relações. Não acredita, entretanto, que isso o afastará do empresariado de São Paulo: "Há interesse comum pelo desenvolvimento do Estado e do País".

Ainda não tem posição formada sobre a duração do mandato do presidente José Sarney. Mas pretende continuar defendendo o Plano Cruzado e a manutenção do congelamento dos preços junto ao gover-

no federal. "Queremos que as empresas produzam mais e vendam mais barato".

Afirmou durante a primeira coletiva em que se admitiu eleito que sempre foi favorável a uma Constituição exclusiva. E reclamou da discriminação que São Paulo sofre no Congresso. "Deveríamos ter direito a 100 deputados e temos somente 60".

Somente a partir do 1º de março, Quêrcia começará a trabalhar na formação do seu secretariado. Não descartou a possibilidade de aproveitar alguns dos atuais secretários do governo Montoro, como o coordenador de sua campanha, João Osvaldo Leiva, que ocupa a Secretaria de Obras.

Os dissidentes do PMDB que durante a campanha passaram a apoiar Antônio Ermirio formalmente serão perdoados tanto por Quêrcia como pelo presidente regional do partido. Conforme ironizou Almino Afonso: "A vitória é remédio que cura qualquer ferida".

Quêrcia contestou a crítica do candidato do PTB de que o Brasil sofrerá mexicanização com a vitória do PMDB em quase todos os Estados. "Não dá para comparar com os outros países, porque o PMDB se consolidou de cima para baixo. Acredito que haverá espaço para outros partidos".